

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E SEUS PRESSUPOSTOS: UMA ABORDAGEM DA VARIAÇÃO DIATÓPICA EM A TRISTE PARTIDA DE PATATIVA DO ASSARÉ

LINGUISTIC VARIATION AND ITS ASSUMPTIONS: AN APPROACH TO DIATOPIC VARIATION IN A TRISTE PARTIDA DE PATATIVA DO ASSARÉ

Maria Mirele Alves Medeiros¹

Wesley Willames Cirino Oliveira²

Resumo: O presente trabalho trata do estudo das variações linguísticas, tendo como cerne as diferenças encontradas na interação social no cotidiano das pessoas. Foi construído tendo vista a dificuldade de alguns professores em lidar com a heterogeneidade das expressões verbais utilizadas nas comunidades. Não trata de julgar qualquer concepção em especial a norma culta, mas, oportunizar uma nova visão de forma criteriosa levando em consideração a relação com os acontecimentos dessas variações, observando fatores como: o espaço geográfico, o grau de formalidade exigida para cada situação vivenciada, a cultura, o individual do ser e a comunidade na qual se encontra inserido. É o que está posto nos capítulos que ao tratar da variação linguística, traz em seu bojo as marcas históricas e conceituais, à luz de vários teóricos, discorrendo sobre o fenômeno sociolinguístico, como também refletindo sobre a possibilidade de uma análise variacionista, com foco na variação diatópica, na oralidade e nos regionalismos à luz da cultura popular. A pesquisa ainda oportuniza uma abordagem reflexiva, tendo como foco a análise da variação diatópica presente no poema “A triste partida de Patativa do Assaré”.

1 Graduada em Letras pela Faculdade do Sertão do Pajeú - FASP e pós-graduada Português/ Inglês e Alfabetização e Letramento pela Faculdade Domínios- FAD

2 Graduado em Matemática pela Faculdade do Sertão do Pajeú - FASP e em Pedagogia pela Faculdade Maciço de Baturité FMB e pós-graduado em metodologia do ensino da matemática e psicopedagogia clínica e institucional pela Faculdade Venda Nova do Imigrante- FAVENI

Palavras-chaves: variação linguística, fenômeno sociolinguístico, variação diatópica.

Abstract: This work deals with the study of linguistic variations, having as its core the differences found in social interaction in people's daily lives. It was constructed considering the difficulty some teachers have in dealing with the heterogeneity of verbal expressions used in communities. It does not aim to judge any conception, especially the standard norm, but to provide a new perspective in a judicious manner, taking into account the relationship with the events of these variations, observing factors such as: geographic space, the degree of formality required for each situation experienced, culture, the individual being and the community in which he or she is inserted. This is what is set out in the chapters that, when dealing with linguistic variation, bring in their core the historical and conceptual marks, in the light of various theorists, discussing the sociolinguistic phenomenon, as well as reflecting on the possibility of a variationist analysis, focusing on diatopic variation, orality and regionalisms in the light of popular culture. The research also provides an opportunity for a reflective approach, focusing on the analysis of the diatopic variation present in the poem “A triste partiu de Patativa do Assaré”.

Keywords: linguistic variation, sociolinguistic phenomenon, diatopic variation.

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa apresentado trata da importância do estudo das variações linguísticas e sua relevância na vida do aluno e na sociedade, mostrando as diferentes formas de expressões e como chegam a ser vistas por pessoas presas ao tradicional, daí a necessidade imprescindível de uma pesquisa e estudo com mais aprofundamento sobre o tema em questão.

Como resultado de uma intensa pesquisa, foi realizado uma cuidadosa análise, tendo em

vista a dificuldade por parte de alguns professores em relação a heterogeneidade de expressões verbais identificadas na sala de aula e nos diversos grupos sociais, revelando um preconceito preconizado pela sociedade letrada na qual, o aluno se situa como sujeito ativo e crítico, sendo necessário se debruçar sobre o tema, oportunizando voltar um olhar científico sobre as variações diatópicas e seus usos na escola, nos grupos e na sociedade.

À luz de muitos aportes teóricos, pode-se buscar fundamentos respaldados em autores citados na trajetória da construção dessa pesquisa acadêmica cujo tema tem gerado muitas controvérsias.

O primeiro capítulo traz em seu bojo, as marcas históricas e conceituais das variedades linguísticas, com suas características e propriedades que decorrem da heterogeneidade da língua, levando em consideração muitos fatores entre eles o espaço geográfico e a organização sociocultural da comunidade, sendo a língua um patrimônio sociocultural, formado por vários subsistemas que dependem da influência de muitos fatores, indo buscar as referências em vários autores, estudiosos do tema como Calvet, Lyons, Bagno, Silva entre outros.

Ainda no primeiro capítulo, é feita uma abordagem sobre o trabalho com as variações no ensino de língua, na escola, esclarecendo a importância da sistematização dos conhecimentos sociolinguísticos advindos da sala de aula, de forma a desenvolver habilidades com a fluência na leitura, escrita de textos com suas variedades históricas e linguísticas.

O segundo capítulo discorre sobre o fenômeno sociolinguístico, sabendo-se que jamais alguém pode desenvolver um estudo investigativo sobre as variações linguísticas sem buscar na sociolinguística um aporte teórico para assim estabelecer relações entre heterogeneidade social, sendo a língua e suas variantes suscetíveis a mudanças nos aspectos histórico, social, pessoal e cultural do indivíduo. Ressalta-se, ainda neste capítulo, o preconceito linguístico refere-se às diversas formas de expressão vista de maneira equivocada por alguns, que elegem a norma culta como verdade única, sem levar em conta a heterogeneidade da língua, bem como as situações exigidas diante das formas de expressão, espaço geográfico, social e cultural.

O terceiro capítulo trata da possibilidade de uma análise variacionista, com foco na variação

diatópica, a oralidade e os regionalismos à luz da cultura popular, que expressa a diversidade de falares e expressões como representação dessa cultura que vai com o tempo se transformando, evoluindo, diante das necessidades exigidas pela comunidade, como bem retrata Ferreira Gullar.

Foi realizada uma abordagem reflexiva tendo em vista a análise da variação diatópica no poema” A triste partida de Patativa do Assaré”, uma das obras que mais marcou a sua carreira, no qual se verifica marcas da linguagem oral, que se caracteriza pela presença de regionalismos.

Na sua simplicidade com fortes traços de oralidade, o poema atravessa os anos encantando quem o escuta, na voz de Luiz Gonzaga, retratando a figura do nordestino, suas labutas, traços de um povo sofredor, ao mesmo tempo encanta pela musicalidade que traduz a situação do retirante.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Marcas históricas e conceituais

Todas as línguas do mundo são sempre continuações históricas, assim em qualquer língua falada por qualquer comunidade, há sempre a presença das variações. Essa presença se dá no contexto das relações sociais que são elaboradas através de estruturas sociopolíticas de cada comunidade. No cotidiano da vida social, há uma sistematização de valores das variedades linguísticas em uso.

A heterogeneidade da língua tem despertado a atenção de estudiosos, no que diz respeito à questão da diversidade dos seus usos, levando em consideração muitos fatores, entre eles o espaço geográfico e a organização sociocultural da comunidade.

Em nosso país, identifica-se preconceitos em relação aos falares de comunidades de algumas regiões, sobretudo, dos falares nordestinos, que por muito tempo foram vistos como expressões verbalmente de maneira errada, usadas por pessoas sem estudo e sem cultura, pois não dominavam de forma rigorosa a língua padrão ou culta.

Há toda sorte de preconceitos sociais e nacionalistas associados com a língua, e muitas falsas concepções populares estimulados pela versão deformada

da gramática tradicional que é comumente ensinada nas escolas. E é realmente difícil libertarmos nossa mente desses preconceitos e dessas falsas concepções: mas esse primeiro passo é necessário e compensador”. (LYONS, 1968).

No decorrer da história, foram surgindo estudos das variações dialetais, entre eles o pai da linguística Saussure, que tinha um olhar cuidadoso para cada acontecimento comunicacional de diversas comunidades, vendo cada situação não como um acaso, mas como possibilidades de criações possíveis por determinado grupo social, em que fosse capaz de acontecer de forma admirável essa perspectiva na linguística contemporânea como ciência, mostrando o funcionamento da variação linguística, tendo a língua como objeto, sendo capaz de abranger diferentes níveis da fonologia à semântica.

Saussure, em suas análises criteriosas, mostra que a língua não pode ser vista apenas como um fato individual ou coletivo, pois isso estaria negando o uso comunitário que dá vida ao idioma. Seria impossível existir língua se não houvesse sociedade, interação social troca de signos linguísticos e criação de novas formas de expressões; as variedades linguísticas.

A língua só acontece porque há movimento, a cada dia, surgindo novas formas de expressão de acordo com as novas situações que chegam a ser consideradas agramaticais e contextos, criados pelos falantes diante de determinadas circunstâncias.

Estudos têm comprovado que a língua humana nunca é usada da mesma forma por todos os falantes dessa língua. Assim, pode-se afirmar que não existe um padrão linguístico, sem levar em consideração aspectos históricos, geográficos e sociais.

A esse respeito, afirma CALVET:

Conceber que todos os falantes, mesmo quando se acreditam monolíngues (que não conhecem “línguas estrangeiras”), são sempre mais ou menos plurilíngues, possuem um leque de competências que se estendem entre formas vernaculares e formas veiculares, mas no quadro de um mesmo conjunto de regras linguísticas. (CALVET, 2002).

As variações linguísticas dependem das situações em que se encontram determinadas comunidades, sua cultura e troca de informações. Não se pode negar a importância em determinadas ocasiões do uso da norma padrão da língua, mas o que precisa mudar é a maneira de lidar e observar esses acontecimentos, uma descrição, por exemplo; de um determinado estágio da língua, de uma conjuntura situacional.

Como afirma Saussure apud BAGNO (2007) “É o ponto de vista que cria o objeto”, Ou seja, as variações dialetais, gramaticais dependem da forma como são analisadas e por quem são analisadas, tendo como exemplo os objetos como carro, cadeira, mesa entre outros que só foram possíveis receberem estas nomenclaturas por que alguém criou nomeou e registrou linguisticamente.

Nesse sentido, duas perspectivas estão em questão: a forma linguística que a gramática apresenta em seus diferentes níveis, e o léxico em seus campos semânticos bem como, o uso da língua como ponto de partida, para a interação linguística, as condições de produção do discurso, que estão entrelaçadas sobre a cultura e a própria língua.

Contudo, língua e linguagem não se separam e Linguística educacional não pode, nem deve abrir mão das possíveis facetas trazidas por elas, em especial, as que mais envolvem a vida social e internacional das pessoas. As expressões que circulam nas diversas regiões do país, não devem ser vistas de forma preconceituosa, tidas como certas ou erradas, devem ser analisadas de maneira cautelosa, observando os seguintes pontos: A cultura, a situação em que estão sendo utilizadas, tais expressões o conhecimento do mundo e até gramatical dos interlocutores.

Nesse sentido, deve-se sempre estar em alerta para não cometer equívocos, ou preconceitos insanos de nossa parte.

As variações linguísticas, identificadas atualmente, no Brasil, oportunizam o reconhecimento da diversidade de falares, como consequência da dinâmica populacional e das interações entre os diversos grupos étnicos e sociais, nas diferentes épocas da história.

Sendo a língua um patrimônio social, formado por vários subsistemas que sofrem as influências de situações sociais, culturais e geográficas, pode-se afirmar que, também sofrem transformações ao

longo da história.

Fazer uma releitura da história é uma forma de mostrar que a Língua Portuguesa, com todas as suas variedades, é instrumento de transformação, assim como o latim sofreu muitas modificações o que resultou no aparecimento de outros dialetos e línguas.

Características e propriedades

As variações linguísticas decorrem das consequências sociais, culturais e ideológicas, (mas nem sempre algumas pessoas conseguem compreender este fenômeno), provocando em alguns indivíduos estranhamentos e até mesmo preconceito em relação a determinadas frases que ouvem na sociedade.

[...] assim o que temos nas sociedades complexas e letradas é uma realidade linguística composta de dois grandes polos:(1) a variação linguística, isto é a linguagem em seu estado permanente de transformação, de fluidez, de instabilidade e (2) a norma-padrão, produto cultural, modelo artificial de língua criado justamente para tentar “neutralizar” os efeitos da variação, para servir de padrão para os comportamentos linguísticos considerados adequados, corretos e convenientes”. (BAGNO, 2007, p. 38).

Infere-se que, a variação linguística, por muitas vezes, tende a ser camuflada pelas pessoas que defendem veementemente a norma-culta, rotulando a variação linguística como um erro inaceitável. Sabe-se da importância da norma-padrão, que a escola deve usar para fins educativos, para que possa proporcionar aos seus alunos uma aprendizagem universal, em que os mesmos sejam capazes de expressarem-se e sobressair diante de qualquer circunstância seja educativa, social, individual ou coletiva.

Assim diz SARAMAGO (2004), “Quase me apetece dizer que não há uma língua portuguesa, há línguas em português”.

Qualquer língua, falada é sempre imbuída de variações, pois não se trata de uma entidade

homogênea, mas envolve diferentes modos de falar, utilizados pelo grupo de falantes, que não devem ser encarados como uma falha, mas como uma qualidade inerente ao fenômeno linguístico.

Em virtude disso, conclui-se dizer que a Língua Portuguesa é composta por variações linguísticas e que está sujeita a mudanças, cabendo ao indivíduo saber utilizar a variação estilística, ou seja, o modo de se expressar diante de algumas situações cabendo aos envolvidos a escolha dos recursos expressivos disponíveis a eles.

De acordo com Alkmim (2005.p.41) “toda língua é adequada à comunidade que a utiliza, é um sistema completo que permite a um povo exprimir o mundo físico e simbólico em que vive”.

As variações linguísticas dependem de diversos fatores como:

Varição fonético-fonológica, que é a diferença na pronúncia de um mesmo fonema, em diversas localidades brasileiras.

Variações morfológicas, em que as palavras podem apresentar sufixos diferentes, mas significa a mesma coisa ou expressam a mesma ideologia.

Varição semântica, na qual o significado de uma palavra ou frase dependerá da origem regional do falante.

Varição lexical, as palavras mijo, xixi, urina significam a mesma coisa, existindo também a variação estilístico-pragmática que se apresenta diariamente na vida interacional da pessoa, é quando as situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau maior ou menor de formalidade, dependendo do ambiente, da intimidade entre os interlocutores.

Varição estilístico pragmática,- correspondem a situações diferentes de interação social, marcadas pelo grau maior ou menor de formalidade do ambiente e de intimidade entre os interlocutores e podem inclusive, ser pronunciados pelo mesmo indivíduo em situações de interação diferentes. (BAGNO, 2007, p.40)

A existência de um conjunto de variedades não se dá de forma vazia, mas insere-se no contexto das relações sociais determinadas pelas estruturas sociais de cada comunidade, pois há sempre uma sistematização determinada por valores dessas variedades em constante uso, refletindo uma hierarquia dos diversos grupos sociais, que os rotulam como superiores ou inferiores. Gnerre apud Mussalim e Bentes (2004) afirma que “uma variedade linguística vale o que vale na sociedade os seus falantes, isto é, vale como reflexo do poder e da autoridade que eles têm nas relações econômicas e

sociais”.

A variedade padrão de uma comunidade é considerada como o resultado de uma postura social diante da língua que se configura pela seleção de um dos modos de falar, diante de outros vários, e, também pela determinação de um elenco de normas que definem o modo considerado correto de falar.

BAGNO,(2007, p.46) faz referência a classificação da variação sociolinguística, na qual fica evidente a importância de conhecê-las para que não se faça julgamentos sem conhecer os fatores que apresentam significativas contribuições para o estudo em pauta:

Varição diatópica – que se observa na comparação entre os diversos modos de falar das diferentes regiões, estados, zona rural e urbana, áreas socialmente demarcadas nas grandes cidades.

Varição diastrática – verifica-se na comparação entre os modos de falar das diferentes classes sociais.

Varição diamésica – observada na comparação entre a língua falada e a língua escrita. Nessa análise é fundamental o conceito de gênero textual.

Varição diafásica – é o uso diferenciado que cada indivíduo faz da língua de acordo com o grau de monitoramento que ele confere ao seu comportamento verbal.

Varição diacrônica – são as comparações entre as diversas etapas da história de uma língua, elas mudam com o tempo e o estudo das diferentes etapas é de grande relevância para os estudiosos da língua. (BAGNO, 2007, P.46).

Segundo Possenti (1996, p. 34) “ a variedade linguística é o reflexo da variedade social, e, como em todas as sociedades existe alguma diferença de status ou de papel entre indivíduos ou grupos, estas diferenças se refletem na língua”, em decorrência disso é inegável que assim, as variantes linguísticas também recebam influências do meio em que os indivíduos se encontrem.

Uma abordagem sobre a variação no ensino de língua na escola

Compreende-se que todo e qualquer aprendiz ao chegar à escola traz uma bagagem sociolinguística que aprendeu com os pais, familiares, amigos e comunidade, expressões e termos

peculiares do seu convívio social e familiar.

Cabe ao educador sistematizar esses conhecimentos sociolinguísticos e sociointeracionais de forma a desenvolver habilidades como: escrita de textos, leitura fluente, diversas formas de vocábulo para que o mesmo seja capaz de escolher sua fala de acordo com o grau de formalidade exigido pela situação que vai se encontrar, cabendo ao professor essa função.

O grande vilão que atormenta os educadores arraigados somente à gramática é justamente o da variação linguística, mas para que isso mude Castilho (2001) afirma que, “a escola terá que avaliar e valorizar os hábitos culturais do aluno, levando-o a adquirir novas habilidades na sua própria língua”.

Para Silva (2002) “exige-se deles que modifiquem seu sistema de valores, que é o mesmo da sociedade onde vivem e do qual não têm plena consciência”. Ao corrigir o aluno, o professor reage em defesa de um padrão imaginário, ao qual também é submetido.

No entanto, é evidente que a visão sobre o ensino da língua portuguesa necessita ser ampliado, renovado e suscetível de ganhar novos conceitos.

Muito se fala em um ensino de gramática contextualizada, na conscientização para que não haja a prática do preconceito linguístico, tanto na escola quanto fora dela, assim, o que muitos professores ainda não sabem é como lidar com as heterogeneidades da língua, ou seja, as variações linguísticas.

Os Parâmetros curriculares Nacionais de Língua Portuguesa explicitam:

A variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá independentemente de qualquer ação normativa. Assim, quando se fala em Língua Portuguesa, está se falando de uma unidade que se constitui de muitas variedades. Embora no Brasil haja relativa unidade linguística e apenas uma língua nacional, notam-se diferenças de pronúncia, de emprego de palavras, de morfologia e de construções sintáticas, as quais não somente identificam os falantes de comunidades linguísticas em diferentes regiões, como ainda se multiplicam em uma mesma comunidade de fala. (PCN, BRASIL, 1998, P.29)

Não se faz necessário escolher uma e única dessas perspectivas como “certas”, mas é interessante que se observe os pontos positivos de cada uma delas e organize estas diferentes concepções para que o educador seja capaz de transmitir o conhecimento para o aluno, fazendo inferências indispensáveis para o sucesso da aprendizagem do educando, formando um ser crítico reflexivo, capaz de fazer inferências construtivas para sua vivência particular e comunitária, sem que passe a ver as variações da língua em diferentes situações de forma preconceituosa ou desprovida de conhecimentos múltiplos nas diferentes situações corriqueiras.

Segundo Bagno (2007) “o compromisso do educador é, antes com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão quanto de uso crítico da língua”.

Infere-se assim, que o professor em especial de Língua Portuguesa deve compreender o fenômeno da variação linguística, para que possa ter uma visão mais abrangente e significativa, refletindo em seu aprendizado levando em consideração a heterogeneidade da língua.

Conforme Scherre (2005,p.14) “[...] todas as variedades linguísticas são manifestações da cultura de um povo, de um grupo, de uma comunidade, e que por tanto merecem respeito.” Logo o que se percebe em muitas escolas é um ensino preconceituoso, descontextualizado, que visa apenas a gramática.

Alguns professores acabam agindo de forma arbitrária e acabam desrespeitando as variantes linguísticas existentes na sala de aula, sem levar em consideração os índices fundamentais dessas variantes, como a comunidade e o grau de formalidade que pode variar de acordo com o ambiente ou com a cultura.

Luft (2010, p. 21) afirma que, “um ensino gramaticista abafa justamente os talentos naturais, incute insegurança na linguagem, gera aversão ao estudo do idioma, medo da expressão livre e autêntica de si mesmo”. Desta forma a escola deve ficar sempre atenta e capacitar seus educadores, mostrando-os as novas concepções acerca da Língua Portuguesa, enfatizando a importância da valorização das variações linguísticas para que evitem fazer avaliações injustas e precipitadas.

A escola é o veículo institucional, através do qual a língua padrão, variação linguística dos

que detêm o poder, deve ser transmitida. Ao receber alunos oriundos das mais diferentes esferas sociais, os mesmos já trazem em sua bagagem variedades adquiridas no meio em que vivem, devendo, portanto, ser ensinada mais uma variação, sem, contudo, estigmatizar o jeito próprio do aluno falar, rotulando-o como certo ou errado.

Cabe ao professor contrapor-se ao preconceito e agir democraticamente, sem desvalorizar as variantes linguísticas inerentes a determinados grupos ou regiões, mostrando ao mesmo tempo a relevância de dominar a norma padrão, no propósito levá-lo a compreender a sua importância, para assim intervir na sociedade, na qual está inserido.

Conforme a concepção de GERALDI,

Um aluno falante de variedade não padrão, numa escola que possibilita interlocuções com outras variedades (inclusive a padrão, mas não só ela, já que numa mesma sala de aula convive diferentes realidades, por menores que sejam as diferenças que as identifiquem), não se apropria o dialeto de prestígio, mas ao contrário, enquanto locutor e interlocutor, por seu trabalho linguístico, participa da construção deste dialeto. (GERALDI, 1996, P. 60)

Assim, é preciso que o professor assuma a missão de levar o aluno a ser um respeitador da diversidade linguística, oportunizando a ele a escolha de cada uma delas, adequada a cada situação de fala, conforme afirma Bechara () “transformar o aluno num poliglota dentro da sua própria língua, possibilitando-lhe escolher a língua funcional adequada a cada momento”

Bagno entende que,

[...] parece mais interessante (por ser mais democrático) estimular, nas aulas de língua, um conhecimento cada vez mais e melhor de todas as variedades sociolinguísticas, para que o espaço da sala de aula deixe de ser o local para o espaço exclusivo das variedades de maior prestígio social e se transforme num laboratório vivo de pesquisa do idioma em sua multiplicidade de formas e usos. (BAGNO, 2002, P.32).

Assim, o que Bagno chama de “laboratório vivo de pesquisa do idioma”, tem haver com a

concepção de letramento, defendida por Magda Soares (1999) que vê como “estado e condição de quem não só sabe ler e escrever mas exerce práticas sociais de leitura e de escrita que circulam na sociedade em que vive, conjugando-as com as práticas sociais da interação social.

Em decorrência de tudo isso, o educador deve estar atento ao ensino e avaliação, pois faz-se necessário tornar-se um ser democrático e reflexivo, facilitando a aprendizagem do alunado, enfatizando sempre as variantes linguísticas sem a concepção de “certo ou errado”.

Assim, compreende-se que é de suma importância inserir no processo de ensino-aprendizagem, situações de leitura e escrita de textos que valorizem os regionalismos, a poesia, os folhetos de cordel, para que assim, possa potencializar uma reflexão crítica, favorecendo a criatividade e a imaginação para desenvolver o pensamento de forma mais elaborada e assim, participar integralmente da sociedade letrada.

O FENÔMENO SOCIOLINGUÍSTICO

Não se pode conceber um estudo investigativo a respeito das variações linguísticas, sem buscar um aporte teórico na Sociolinguística, cabendo a ela estabelecer relações entre a heterogeneidade social, visto que não se pode refletir sobre a língua sem analisar a sociedade na qual os falantes estão inseridos. Além disso, muitos outros estudiosos como antropólogos, sociólogos e psicólogos sociais compreendem que se faz necessário, para estudar as relações entre os indivíduos e grupos, levar em conta a sociedade na qual eles estão inseridos.

A sociolinguística infere aos estudos linguísticos uma concepção heterogênea, como um complexo conjunto de realizações disponibilizadas aos falantes. Sendo assim, a língua constitui-se um sistema que nunca está pronto, sempre se renova sempre se reestrutura, oportunizando a sua realização numa interação social.

Para Labov, 1972, apud Mussalin & Bentes, (2001, p. 56),

A Sociolinguística trata da base e do desenvolvimento da língua ajustando-

-se no contexto social da comunidade. Seus tópicos recobrem a área com questões decorrentes do exame dos níveis fonológico, morfológico, sintático e dos preceitos linguísticos, sua combinação em sistemas, a coexistência de sistemas abstratos e, principalmente, a evolução diacrônica de tais regras e sistemas.

O cerne da Sociolinguística, enquanto disciplina científica é estabelecer relações intrínsecas entre a heterogeneidade linguística e a heterogeneidade social. Língua e sociedade se entrelaçam uma intervindo na outra, uma inserida na outra.

Do ponto de vista do sociolinguistas, não se concebe estudar a língua sem analisar e refletir sobre a sociedade na qual essa língua é falada, assim como outros pesquisadores compreendem que para estudar a sociedade, deve-se levar em consideração as relações estabelecidas entre os grupos sociais, através da linguagem.

A Sociolinguística trouxe algumas transformações em relação à concepção de língua, vendo-a como um produto que envolve diversos conjuntos de realizações, utilizando recursos expressivos utilizados pelos falantes.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

A língua é um dos primeiros objetos de estudo da linguística, que por possuir suas variantes passa muitas vezes a ser interpretada de maneira equivocada, por um pequeno ou grande grupo de pessoas que fazem julgamentos de “certo ou errado”.

Segundo Bagno, “O preconceito linguístico não existe. O que existe de fato, é um profundo e entranhado preconceito social”. É evidente que são as pessoas que detêm o poder e que tem acesso a norma padrão ou culta, que transmitem preconceitos sociais pois são capazes de classificar pessoas como cultas, letradas, ou não cultas e letradas pela forma como pronunciam a língua.

[...] na vida dos indivíduos e das sociedades, a linguagem constitui fator mais importante que qualquer outro. Seria inadmissível que seu estudo se tornasse

exclusivo de alguns especialistas; de fato, toda a gente dela se ocupa pouco ou muito[...].(SAUSSURRE apud BAGNO, 2007)

Desde muito tempo a língua foi e é a principal forma de comunicação, tendo muitos tipos de pronúncias que variam de um grupo para outro, é a mesma língua utilizada por todos, sendo colocadas em prática as variações fonéticas existentes.

Todas as variedades da língua são valores positivos. Não será negando-as ,perseguido-as , humilhando quem as usa que se fará um trabalho produtivo no ensino. Nem se mudarão em nada esses usos de níveis culturalmente inferiores, como alguns equivocadamente pensam. Cada falante fala como sabe e consegue falar , não como ele ou outros desejariam que falasse. (LUFT, 2002, P.69)

Mas nem sempre essas variedades são vistas como algo benéfico, aplausível, é bem perceptível o estranhamento em relação a essas variantes até mesmo nas escolas, quando uma criança pronuncia uma palavra que não está de acordo com a norma padrão.

De acordo com Bortoni e Ricardo,

[...] na sala de aula como em qualquer outro domínio social, encontramos grande variação no uso da língua mesmo na linguagem da professora que, por exercer um papel social de ascendência sobre seus alunos, esta submetida a regras mais rigorosas no seu comportamento verbal e não verbal. (BORTONI-RICARDO, 2004, P. 25)

Não existe língua homogênea, pois não há pessoas iguais, sendo assim a forma como pronunciam a língua não são e nem poderiam ser iguais, não teria a mesma fonética.

Aquele que aprendeu a refletir sobre a linguagem é capaz de compreender uma gramática que nada mais é do que o resultado de uma (longa) reflexão sobre a língua, aquele que nunca refletiu sobre a linguagem pode decorar uma gramática, mas jamais compreenderá o seu sentido. (GERALDI, 1996, P. 64).

Diante dessa perspectiva pode-se afirmar que o preconceito linguístico só existe porque ainda existem pessoas arraigadas á gramática, pessoas que não são capazes de refletir sobre a linguagem que esta ligada a cultura e a historia de um povo em ação, essas variações acontecem em todas as línguas, logo em todas as formas de expressão das mesmas.

Já refletia Millôr Fernandes apud Antunes,(2007) “entre o porque e o por quê há mais bobagem gramatical do que sabedoria semântica”, ou seja ainda há uma persistência em um ensino tradicionalista, cheio de preconceitos com as variantes linguísticas, reduzindo naturalmente os objetivos que uma compreensão mais profunda poderia suscitar.

O preconceito linguístico é decorrente de um ensino tradicional, prescritivo e reacionário que está relacionado a um desconhecimento do uso da língua em situações concretas, sem levar em consideração o nível social dos seus falantes.

Scherre (2005, p.24) ressalta que “[...] o preconceito linguístico [...] é tão ou mais cruel do que o preconceito de religião, cor raça, gênero e classe social.” E ainda enfatiza: praticar preconceito linguístico, explícito ou implícito é, sem dúvida, atentar contra a cidadania. Scherre (2005, p.89).

Assim, a discriminação em relação à língua, tem como base uma visão tradicional e conservadora, ocasionando exclusão ao diferente, gerando várias consequências para os falantes que por algum motivo só dominam as variantes estigmatizadas e por isso, acabam se excluindo por acharem que não sabem falar, o que na verdade acontece é que não dominam as regras da gramática normativa.

Ao chegar à escola, as crianças, na maioria das vezes são consideradas deficientes linguísticas, por utilizarem uma variedade não padrão, não levando em consideração a sua expressão espontânea e o conhecimento adquirido a partir das experiências que ele traz.

Essa variedade muitas vezes estigmatizada e reprimida, através de tratamento diferenciados, com correções feitas de forma inconsequentes em relação ao seu jeito de pronunciar ao empregar termos peculiares do seu convívio social, pode de repente, levar o estudante a sentir-se incapaz e inferior, em relação a língua padrão das classes dominantes.

Sendo assim,

Traçar uma diferença que nos apreça fundamental: a distinção entre diferenças linguísticas e erro linguístico. Diferenças linguísticas não são erros, são apenas construções ou formas que divergem de um certo padrão. São erros aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua. (POSSENTI, 1996, p.80).

A questão não é falar certo ou errado, mas saber de que forma utilizar a fala, considerando as características do contexto de comunicação, ou seja, saber adequar o registro às diferentes situações comunicativas. (PCNs, 1998).

Dessa forma, o que se deve levar em conta, não é a correção, mas a adequação às circunstâncias de uso, ou seja, de utilização eficiente da linguagem: falar bem é usar a fala de maneira apropriada, surtindo o efeito quer se quis alcançar.

A POSSIBILIDADE DE UM ESTUDO VARIACIONISTA, COM FOCO NA VARIAÇÃO DIA-TÓPICA.

A oralidade e os regionalismos sob o olhar da cultura popular

As variações linguísticas identificadas atualmente no Brasil oportunizam o reconhecimento da diversidade de falares, como consequência da dinâmica populacional e das interações entre os diversos grupos étnicos e sociais, nas diferentes épocas da história.

Sendo a língua um patrimônio social, formado por vários subsistemas que sofrem as influências de situações sociais, culturais e geográficas, pode-se dizer que as línguas, além de variar geograficamente, também sofrem transformações ao longo da história.

A língua como fenômeno social, vai sendo moldada, levando em conta as tradições, costumes e necessidades da comunidade que usa essa língua, e, conseqüentemente essas transformações vão se retratando na sociedade, na qual está inserida e assim, vão surgindo os regionalismos.

Em se tratando do regionalismo, Coutinho (1972) conclui:

É a variedade que se entremostra na unidade, na identidade de espírito, de sentimentos, de língua, de costumes, de religião. As regiões não dão lugar a obras literárias isoladas, mas contribuem com suas diferenciadas para a homogeneidade da paisagem literária do país.

E, falando de regionalismos é imprescindível fazer um recorte sobre a cultura popular, cuja concepção tem sido questionada por estudiosos da área que aponta para um universo que envolve conceitos e concepções, criada e inventada pelo povo, mostrando uma visão de mundo que se contrapõe a aspectos formais, tendo como a expressão criadora, a qual busca vínculos nos hábitos, crenças, emoções e vai inferindo significados, pois o homem com o seu espírito criador e transformador, vai permeando a história num entrelaçamento do contemporâneo com o arcaico, numa manifestação única de arte e de revelação do belo.

Ferreira Gullar (...) apresenta a cultura popular como “tomada de consciência da realidade brasileira, que aborda os produtos artísticos elaborados pelas camadas populares, no seu projeto político que se apropria da cultura como elemento de sua realização”.

Assim, a língua vista como um fenômeno social, vai sendo modificada conforme as necessidades da comunidade que a utiliza e assim, essas modificações vão sendo refletidas na sociedade.

Sendo assim, esse trabalho investigativo propõe-se a fazer uma análise sobre a obra da poética de Patativa do Assaré, mas especificamente sobre o poema “A triste partida” o qual reflete de forma autêntica a temática estudada sobre variações regionais diatópicas, através da linguagem oral tão presente na sua obra.

Variação diatópica retratada na linguagem oral em A triste partida de Patativa do Assar

A característica principal da linguagem oral é a informalidade, ela é viva, dinâmica,

espontânea e decorre do conhecimento de mundo que o falante utiliza nas mais diversas formas de linguagem, adequadas ao ambiente e a região em que ele está inserido.

A triste partida, considerada como uma das obras que mais marcou a carreira de Patativa do Assaré apresenta características inerentes às marcas de oralidade como linguagem coloquial, formal e informal, figuras de linguagem, tempo e deslocamento do espaço geográfico.

Na sua simplicidade, com fortes traços de oralidade o poema atravessa os anos encantando quem o escuta, na voz de Luiz Gonzaga, retratando a figura do nordestino, suas labutas, traços de um povo sofredor, ao mesmo tempo encanta pela musicalidade que traduz a situação do retirante.

A oralidade característica da obra de Patativa do Assaré comprova a naturalidade desse estilo, manifestada com sabedoria e segurança em transmitir os fatos, pois não se prende a dualidades, produzindo versos, buscando os regionalismos, mas também, utilizando a linguagem formal. Dessa forma o poema apresenta uma narrativa, na qual uma família de retirantes, fugindo da seca, viaja num pau de arara para São Paulo, alimentando o sonho de dias melhores.

Revisitando o poeta Patativa do Assaré

Antônio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré, poeta popular, cantador, repentista de viola, nasceu em cinco de março de 1905, em Serra de Santana, zona rural de Assaré, cidade localizada ao sul do Ceará, filho de agricultores, configura-se hoje, como um dos mais importantes representantes da cultura popular nordestina.

Suas obras divulgadas em discos, livros e folhetos de cordel, caracterizam-se em retratar o sofrimento do povo nordestino, consequência das intempéries do clima dessa região. Embora haja predominância do falar regional, coloquial, Patativa do Assaré também buscou a apropriação da linguagem mais formal.

Sua projeção em todo o Brasil, apesar de ser analfabeto sem “estudo nem arte”, conforme ele mesmo afirmou a seu respeito, deu-se em 1950, mas foi com a triste partida, em 1964, toada de

retirante, gravada por Luiz Gonzaga, que tornou-se de fato conhecido, cuja interpretação foi elogiada pelo próprio Patativa que ressalta a perfeição da musicalidade que sua obra recebeu através da voz do rei do baião. Sendo fiel às falas presentes na letra conferindo mais ritmo e sonoridade ao poema.

A letra e a melodia de “a triste partida” são minhas, mas nada se compara à gravação do rei do baião. A toada ficou muito mais penosa quando ele colocou aqueles refrões: “ai, ai, ai”, acompanhada daquele: “meu Deus, meu Deus”. Aquilo é muito belo, é muito mais penoso. (FEITOSA, 2003, P. 206).

Patativa mostra um pouco da sua história de vida e o povo sertanejo identifica-se com cada estrofe da sua composição que possui 19 estrofes, cada uma com seis versos, totalizando 114 versos.

O poeta cearense demonstrando fidelidade à tradição do gênero cordel, retrata nos seus versos a realidade do sertão nordestino, levando em conta a inspiração das tradições dos trovadores, repentistas violeiros, manifestando na voz e na oralidade do poeta o grito do sofrimento, alegrias e desalentos desse povo bem presentes no poema A triste partida.

Trocando em miúdos: A triste partida

O poema apresenta-se com versos em redondilha menor e rimas misturadas, compostos de dezenove estrofes em sextilhas que conferem musicalidade e poesia, encantando a quem o escuta.

A triste partida mostra o sujeito da poética “o pobre retirante do seco Nordeste”, retrato de um povo sofredor, com seus problemas sociais, cuja temática ressalta a seca e a pobreza como o foco do contexto do poema. Patativa do Assaré traz na sua poesia, marcas da linguagem oral, presentes na temática, na linguagem, nos gestos, nos espaços e, sobretudo, nos que a escutam, mas ao mesmo tempo também, se identifica a presença da norma culta, predominando uma linguagem matuta, marca da oralidade.

Quando chama a cidade de São Paulo de “sul”, no poema, Patativa representa a forma como alguns nordestinos utilizam em sua fala comum nomeando assim toda a região que não seja

o Nordeste, fazendo parte do senso comum. Na visão do nordestino da época, o Brasil divide-se em apenas duas regiões “Norte e Sul”.

No poema a família “nortista”, decide ir para o “sul”, sabendo-se que São Paulo é Sudeste e chegando lá aumenta o sofrimento, a pobreza e a tristeza daquela família diante de uma terra desconhecida, cidade grande, com muitas dificuldades, aumentando assim, a saudade da “terra natal”.

Apesar de uma letra composta de lamentos, constata-se a presença de uma musicalidade suave que se traduz nos versos do poeta, remetendo para as imagens formadas pelo leitor ao identificar a problemática da seca do sertão nordestino.

O título e o enredo estão intrinsecamente ligados, pois um é o resumo do outro, sendo que através do título compreende-se a trama marcada pela triste história de uma família, cujo sofrimento tem continuidade em terras estranhas. Os personagens representados pelo pai sofredor, a mãe submissa, os dois filhos chorosos e a filha pequena que esqueceu a boneca, o fazendeiro feliz e o patrão a quem o pai não consegue saldar as dívidas, tornando-se escravo, perdendo as esperanças de retornar à sua terra natal.

O poema traz em seu bojo uma variedade de grafias populares, que se distancia do erudito, realçando as marcas da oralidade com mais de cinquenta grafias escritas de acordo com a oralidade do poeta. Palavras que sofreram alterações com letras substituídas por outras e até recebendo acento agudo ou circunflexo: só (sol), vermeio (vermelho), dizê (dizer), pôco (pouco), viaja (viajar), escrama (exclama), Natá (Natal).

Uma marca característica da oralidade no meio rural nordestino é falta de conhecimento quanto à concordância verbal e nominal, pois o sujeito não concorda com o verbo e nem os substantivos com os adjetivos: Nós vamo a São Paulo, nas pedras de sá, Trabiáá dois ano. Esses falares são próprios dos dialetos rurais e sotaques característicos como estilos de linguagem, que trazem a marca da linguagem típica, representada pelo sertanejo nordestino.

Há uma redução no verbo tamo que não pode ser atribuída como marca exclusiva do falar nordestino, pois na oralidade também é utilizada por pessoas letradas.

No poema aparecem com frequência expressões regionais, recursos poéticos e estilísticos como em *riba do carro* (em cima), *reúne a famia* (família), *porém barra não veio* (barra é uma expressão que significa formação de nuvens ao nascer do sol, no horizonte). Também registra-se a presença de figuras de linguagem como: *na copa da mata*, *buzina a cigarra*, *rompeu-se o natá*.

A oralidade é muito presente nos versos de *Patativa*, ao ponto de estabelecer entre o narrador e o leitor uma conversa informal, permeada de subjetividade, figuras de linguagem, expressões familiares e regionalismos no decorrer das dezenoves estrofes.

Setembro passou, outubro e novembro
Já tamo em dezembro Meu Deus que é de nós
Assim fala o pobre do seco Nordeste, Com medo da peste,
Da fome feroz. (ASSARÉ, 1978, p. 89)

Já tamo em dezembro Meu Deus que é de nós
Assim fala o pobre do seco Nordeste, Com medo da peste,
Da fome feroz. (ASSARÉ, 1978, p. 89)

A primeira estrofe apresenta o eu lírico da poética o pobre sertanejo do seco Nordeste! Vítima da seca, fenômeno natural, tratado pelas autoridades com muito descaso, tendo como consequência a miséria e o sofrimento do nordestino.

A segunda e a terceira estrofes retratam a fé e a religiosidade do homem nordestino que, apesar das angústias, medos, nunca perde a esperança e roga a Deus pela chegada da chuva e se apega as experiências, buscando nas forças místicas, no transcendente a resposta para o sofrimento, causado pelo fenômeno da natureza, externando a sua fé, na esperança de melhoria para a terra natal.

A treze de maio ele fez experiência, Perdeu sua crença
Nas pedras de sá
Mas nota experiência com gosto se agarra,
Pensando na barra
Do alegre Natá.

Rompeu-se o Natá, porém barra não veio, O só, bem vermeio,
Nasceu munto além.

Na copa da mata, buzina a cigarra,
Ninguém vê a barra
Pois barra não tem. (ASSARÉ, 1978, P.89)

Dando continuidade a análise, identifica-se nas estrofes, a fé que fraqueja, a incerteza da vinda da chuva e o nordestino se entregando ao desânimo. Ele vê a falta de chuva, como um Como um castigo de Deus por alguma falta cometida.

Sem chuva na terra descamba janeiro,
Depois, fevêro, E o mermo verão
Entonce o rocêro, pensando consigo, Diz: isso é castigo!
Não chove mais não!

Apela pra maço, que é mês preferido Do Santo querido
Sinhô São José.
Mas nada de chuva! Tá tudo sem jeito,
Lhe foge do peito o resto da fé. (ASSARÉ, 1978, P. 89)

A partir da sexta estrofe, identifica-se a decisão de partir para o “Sul” buscando dias melhores, refletindo a tristeza do nordestino em abandonar seu lar e tudo o que construiu durante os anos de sua vida, mas a esperança de dias melhores persiste e o sonho de retornar torna-se mais forte.

Nós vamo a São Paulo,
que a coisa tá feia;
Por terras aleia
Nós vamo vaga
Se o nosso destino não fô tão mesquinho, Pro mermo cantinho
Nos torna a vortá.

E vende o seu burro, o jumento e o cavalo,
Inté mermo o galo
Vendero também,
Pois logo aparece feliz fazendeiro,
Por pôco dinheiro
Lhe compra o que tem.

Em riba do carro se junta a famia;
Chegou o triste dia Já vai viaja.
A seca terrível, que tudo devora, Lhe bota pra fora
Da terra natá.

O carro já corre no topo da serra. Oiando pra terra,
Seu berço, seu lá,
Aquele nortista, partido de pena, De longe inda acena:
Adeus Ceará!

No dia seguinte, já tudo enfadado, E o carro embalado,
Veloz a corrê,
Tao triste, o coitado, falando saudoso, Um fio choroso
Escrama a dizê:

- De pena e sodade, papai sei que morro! Meu pobre cachorro,
Quem dá de comer?
Já ôto pergunta: - Mãezinha, e meu gato? Com fome, sem trato,
Mimi vai morrê!

E a linda pequena, tremendo de medo:
- mamãe, meus brinquedo! Meu pé de fulô!
Meu pé de rosêra, coitado, ele seca! E a minha boneca
Também lá ficou.

Nas estrofes citadas é narrada a chegada da família a São Paulo, munido de esperanças por dias melhores, mas logo a alegria dá lugar ao sofrimento e à decepção. Nas terras estranhas e a vida dura começa a tornar-se realidade permeada de preconceitos, humilhações pela forma como são tratados pelo fato de serem nordestinos.

Além disso, a saudade da terra natal aperta o peito por saber que não tem condições de voltar. O pai vive como um escravo para sustentar a família, a cada dia perdendo a esperança de voltar, pois a cada dia as dívidas aumentam às vezes maus pensamentos lhe afligem, mas volta a falar o homem bravo, corajoso e digno, com a imagem da lembrança do Nordeste vivo e presente em sua memória, que apesar dos percalços não esquece as suas origens.

Distante da terra tão seca mas boa, Exposto à garoa,

À lama e ao paú,
Faz pena o nortista, tao forte, tao bravo,
Vive como escravo
Nas terras do sul. (ASSARÉ, 1978, P.89).

Finalizando o poema, o autor apresenta um cenário da realidade de sua situação social, sentindo-se forasteiro, só aumentando a saudade de sua amada terra, fazendo do imaginário uma fuga, um alerta para os seus infortúnios ligados ao desejo de retornar ao sertão nordestino.

CONCLUSÃO

O tema investigado foi pensado como forma de contribuir com o ensino de Língua Portuguesa, que precisa ser compreendido com a concepção de que é preciso lidar com as variantes linguísticas, em especial quando se trata de expressões verbais, que sofrem muitas vezes algum tipo de preconceito uma ideia ultrapassada de “certo” ou errado”, herdada do ensino tradicionalista.

Nos capítulos, e tópicos foram apresentados pressupostos que fundamentam um nova visão que possa favorecer um trabalho significativo na escola ou até mesmo na sociedade, nas quais o aluno está inserido, tendo como cerne a Variação Linguística, suas marcas histórica e conceituais, características e propriedades, fazendo uma abordagem também da variação no ensino de língua na escola.

As variações linguísticas dependem das diversas circunstâncias em que se encontram determinadas comunidades, com sua cultura, seus costumes e suas tradições, inferindo aí os diversos falares.

É imprescindível a importância em determinadas situações de fala, do uso da norma padrão da língua, mas o que precisa mudar é a maneira de lidar e observar esses acontecimentos, pois, as variações linguísticas identificadas atualmente no Brasil oportunizam o reconhecimento da diversidade de falares, como consequência da dinâmica populacional e das interações entre os

diversos grupos étnicos e sociais, nas diferentes épocas da história.

As pesquisas realizadas apontaram que o cerne da Sociolinguística, enquanto disciplina científica é estabelecer relações entre a heterogeneidade linguística e a heterogeneidade social, sabendo-se que Língua e sociedade se entrelaçam, uma intervindo na outra.

Fazendo um aporte a respeito do preconceito linguístico, pode-se afirmar que ainda persiste entre as pessoas que não são capazes de compreender que a linguagem está ligada a cultura e a história de um povo em ação, essas variações acontecem em todas as línguas, logo em todas as formas de expressão das mesmas.

Os textos priorizam a valorização das diferentes formas de expressões e demonstram que é através da movimentação linguística, seja ela formal ou informal que o estudo da linguística suscita e que a sociedade interage, se comunica, cria e recria novas formas de expressões.

Ao fazer uma análise do poema *A triste partida de Patativa do Assaré*, verifica-se a significativa relevância de um estudo minucioso dessa natureza sobre as variações diatópicas presentes na obra, ressaltando a oralidade, a linguagem informal e também formal identificadas no texto, retratando o sofrimento do povo nordestino, ao mesmo tempo em que levam em consideração os valores culturais da região.

Com o intuito de desenvolver a consciência de que não existe “certo ou errado”, mas variações linguísticas utilizadas numa diversidade de situações de fala, inseridas no cotidiano, aproximando as pessoas de forma a valorizar a pluralidade de manifestações linguísticas, no Nordeste, externadas nas mais variadas expressões, este trabalho de investigação vem oportunizar assim, a busca da interação social, capaz de expressar sua visão de um mundo tão plural.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. M. Sociolinguística Parte I. In: MUSSALIM, F. BENTES, A.C. (Org.). ASSARÉ, Patativa. Cante lá que eu canto de lá. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1978.

- BAGNO, Marcos. Preconceito linguístico – o que é como se faz. São Paulo: Editora Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- BAGNO, Marcos, et. Ali. Língua Materna: letramento, variação & ensino. São Paulo: Parábola, 2002.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais. Língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CALVET, Louis-Jean. Sociolinguística: uma introdução crítica. São Paulo: Parábola, 2002.
- CARVALHO, Gilmar de. Patativa do Assaré. Fortaleza: Omni, Editora associados Ltda. 2002.
- CASTILHO, A. T de. A língua falada no ensino de português. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2001, 158p.
- COUTINHO, Ismael de Lima. Gramática Histórica. 7 ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico S/A, 1976.
- FEITOSA, Luiz Tadeu. Patativa do Assaré: a tragédia de um conto. São Paulo: Escrituras, 2003.
- GERALDI, João Wanderley. Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação. Campinas: Mercado das Letras, 1996.
- GNERRE, Maurizio. Linguagem escrita e poder. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- Introdução à linguística: domínios e fronteiras. 5º. ed. São Paulo: Cortez, 2005,
- LUFT, Celso Pedro. Língua e liberdade. São Paulo: Ática, 2002.
- LYONS, Jonh. Introdução à Linguística, São Paulo: 1968.
- MUSSALIM, BENTES, f. Ac. (org.) Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado das letras, 1996.

SARAMAGO, José. Em depoimento registrado no filme Língua, vidas em português, dirigido por Victor Lopes e exibido no Brasil em 2004.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. Doa-se lindos filhotes do poodle. Variação linguística, mídia e preconceito. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, M. B. da. A escola, a gramática e a norma. In: Bagno, m (org.) Linguística da norma. São Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, Magda. Letramento. In: BAGNO, Marcos et alli. 2002. Língua materna: letramento, variação & ensino. São Paulo: Parábola.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1986. p. 96.

MUSSALIM , BENTES, f. Ac. (org.) Introdução à Linguística: domínios e fronteiras. Ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

POSSENTI, Sírio. Por que (não) ensinar gramática na escola. Campinas: Mercado das letras, 1996.

SARAMAGO, José. Em depoimento registrado no filme Língua, vidas em português, dirigido por Victor Lopes e exibido no Brasil em 2004.

SCHERRE, Marta Maria Pereira. Doa-se lindos filhotes do poodle. Variação linguística, mídia e preconceito. 2 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

SILVA, M. B. da. A escola, a gramática e a norma. In: Bagno, m (org.) Linguística da norma. São

Paulo: Loyola, 2002.

SOARES, Magda. Letramento. In: BAGNO, Marcos et alli. 2002. Língua materna: letramento, variação & ensino. São Paulo: Parábola.

TARALLO, F. A pesquisa sociolinguística. São Paulo: Ática, 1986. p. 96.